DISCURSO DO DR. FLORIVAL SERAINE SAUDANDO O NÔVO MEMBRO DO INSTITUTO DO CEARÁ D. ZÉLIA CAMURÇA

É sempre grato evocar trechos da nossa vida, marcados por um ímpeto de realização, que se fôra plasmando à custa de esforços persistentes e, mesmo, de sacrifícios — momentos êsses, plenos de substância espiritual.

Absorvidos pelo ardor de nossas tarefas, só com o decorrer do tempo podemos apreender e valorizar o significado autêntico da obra que, então, apenas logramos descortinar.

Quando, há alguns anos, foi confiada a Tomás Pompeu Sobrinho a direção do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará, a sua esclarecida inteligência concebeu, de logo, a necessidade de difundir os conhecimentos básicos das disciplinas com que teria de lidar e cujos estudos não haviam ainda recebido a devida sistematização em nosso meio. Preparar cientificamente o terreno ainda incuito, alicerçá-lo com segurança, para as emprêsas construtivas que idealizara no setor antropológico, pareceu-lhe um dos passos iniciais a empreender, revelando-se, dêste modo, não apenas o cientista rígido e unilateral, mas o humanista, compenetrado dos valôres educativos e dominado por nobre anseio de superação humana.

Iniciaram-se, dêste modo, os cursos de preparação antropológica, no Instituto que começara a funcionar.

Amoroso da sua gleba, cearense, antes de tudo, apesar da cultura universalista que possuía e era fruto de ardente curiosidade intelectual; cearense como poucos, Pompeu Sobrinho não foi buscar em organizações culturais estranhas os seus colaboradores imediatos, aquêles a quem haveria de entregar a responsabilidade de misteres tão importantes como o ensino e a investigação científicos. Selecionou-os no próprio círculo de intelectuais com que privava habitualmente, os quais sabia inclinados ao estudo científico e detentores de certa preparação teórica nas matérias do seu interêsse.

Do Instituto do Ceará não esqueceu, pois, de convocar especialistas, autores de trabalhos etnológicos de valor, a exemplo do general Carlos Studart Filho, a quem incumbiu de ministrar aulas de Arqueologia; e a nós — simples estudioso e investigador desinteressado — a fim de orientar o ensino da Antropologia Cultural, que deveria ser encarada em seus fundamentos teóricos.

Logo no primeiro ano de freqüência ao Curso destacaram-se alguns discípulos que a êle buscaram certamente, por vocação, tentando ingressar com firmeza no mundo da cultura antropológica e sequiosos de, um dia, poderem aplicar-se à investigação, ao **field work**, em qualquer dos campos em que se costuma dividir a "Ciência do homem e suas obras".

Entre êsses encontrava-se Zélia Viana Camurça, já diplomada pela Faculdade de Filosofia, que, nos exames finais, demonstrou surpreendente captação do sentido e da posição científicos da Antropologia Cultural e, destarte, seriedade de espírito, que, prontamente, nos sentimos inclinados a acolher e estimular, na medida do possível.

Posteriormente, ainda nossa aluna, elaborou trabalhos dignos de consideração, sobretudo porque não se ocupavam de temas de fácil acesso a quem não se ache integrado no estudo da cultura humana. Mencionamos aqui, sem hesitação, as monografias de sua autoria sôbre os Testes Projetivos, como técnicas de investigação no domínio da Psico-Antropologia, com ênfase nos famosos Testes de Rorschach; bem assim, acêrca da chamada Escola Antropológica Norte-americana, que teve como figura primordial o imenso Franz Boas. Com justeza dedica particular atenção a êsse germânico de origem, mas que atuara cientificamente nos Estados Unidos onde foi mestre e orientador de alguns expoentes da Antropologia moderna e deu à publicidade os frutos de seus valiosos trabalhos-de-campo.

A escolha dêstes temas já de si exprime o grau de desenvolvimento em que se encontravam os estudos de Zélia Camurça na seara de nossa especialidade, apesar de decorrido, então, pouco tempo após o seu início.

Pois, os que acompanham a evolução do pensamento antropológico não desconhecem o significado das obras que se efetuaram em relação espiritual com aquêles assuntos abordados pela estudiosa conterrânea.

A transição de um difusionismo **à outrance,** certas vêzes carente de valor científico, em razão do caráter subjetivo e mesmo fantasioso, para investigações em áreas limitadas, onde a distribuição dos traços culturais poderia ser pesquisada dentro de relativa objetividade; os corajosos passos em direção às técnicas funcionalistas e psico-antropológicas, e para os estudos de aculturação, assimilaram os trabalhos dessas figuras expressivas de que ela confeccionara a bio-bibliografia e que se denominam Ralph Linton, Melville Herskovits, Edward Sapir, Paul Radin, Alfred Kroeber, Robert Lowie e outros.

Reputamos, assim, ambos os trabalhos em condições de ser divulgados como elementos de utilidade ao ensino da nossa disciplina. E aconselhamos à autora a encaminhá-los à Imprensa Universitária.

Entretanto, por motivos que nunca podemos compreender, até hoje continuam êles inéditos. Evidentemente, mereceram de quem os compôs cuidadosa aplicação e não pequeno esfôrço, à cata da bibliografia especializada, quase sempre em língua inglesa e só encontrável, nesta cidade, em raras bibliotecas particulares ou oficiais.

Dominando com facilidade o idioma aludido, cuja importância para os estudos antropológicos e sociais é de tal porte que algumas faculdades brasileiras, a êles dedicados, não o dispensam em seus programas; traduzindo-o bem, Zélia Camurça continuou a freqüentar as obras norte-americanas e inglesas da especialidade, centralizando, porém, depois de certo tempo, as suas preferências intelectuais nos domínios da Psicoantropologia ou Psicologia da Cultura e da Antropologia Aplicada, com interferência preferida na esfera educacional.

Antes de seguir para a América do Norte, onde permaneceu durante dois anos como bolsista da Organização dos Estados Americanos, trabalhou ao nosso lado, ajudando-nos no magistério que havíamos assumido, proferindo aulas ou ilustrando as nossas com excelente material gráfico que ela própria, como desenhista, confeccionava, apresentando-o aos alunos, com a finalidade de lhes acrescer o âmbito da percepção intelectual sôbre os temas abordados.

Que satisfação vê-la dedicar-se a essas tarefas árduas, de maneira simples e modesta, desinteressadamente!

Depois, são os anos de aperfeiçoamento intelectual em Filadélfia e outros centros de estudos e, como decorrência do seu devotamento à Ciência, que não mede sacrifícios e tudo lhe exige da vida pragmática — o lastro de conhecimentos que lhe tem servido no professorado em nossa Faculdade de Filosofia, na elaboração de teses apresentadas a Congressos científicos e de artigos, como êsse que vem no número de 1965 da **Revista do Instituto do Ceará**, e que aqui será apreciado de maneira sucinta. Intitula-se o mesmo "Educação e a Responsabilidade da Comunidade; Em busca de uma Comunidade Ideal..."

Trabalho fundamentado em seleta bibliografia, de que participam filósofos como Dewey, sociológos da categoria de Tonnies, antropólogos, a exemplo de Redfield e Nadel, e psicólogos avançados do tipo de Kurt Lewin, todos com interêsse em problemas relevantes na órbita da cultura e da educação, a professôra conterrânea movimenta-se sem embaraço em um plano de cogitações considerado **interdisciplinar,** que, aliás, julgamos o único capaz de situar os assuntos em suas perfeitas dimensões e de aprofundá-los sem perder o contacto com a vida concreta, real; sem esquecer, portanto, aquêle **fundamentum in re,** a que alude o filósofo. Sua explanação, a propósito dos conceitos de comunidade e dos valôres, demonstra certo grau de erudição e capacidade para se orientar segundo lineamentos epistemológicos, buscando, assim, evitar paralogismos e escapar às petições-de-princípio, em que incorrem tantas vêzes, autores reputados em matérias como a Sociologia e os próprios estudos antropológicos. Falta-lhes, decerto, a necessidade básica, para a atividade cognoscitiva, de uma conjugação das duas formas de saber — o científico e o filosófico.

Acreditamos, pois, que não sejam desconhecidos da recipiendária aquêles sábios ensinamentos de Cassirer, que sintetizamos, certa vez, ao considerar que "as duas esferas citadas do saber, ao invés de se chocarem, no domínio das ciências da cultura, se completam mùtuamente e, correlacionadas, firmam as bases essenciais e originárias de todo o conhecimento".

Sem dúvida, o mérito de um intelectual não se deve aquilatar apenas pela extensão da sua obra, a quantidade de trabalhos que divulgou.

Simples artigo, como êsse, que ligeiramente comentamos, pode oferecer seguros indícios das possibilidades realizadoras do indivíduo, com o exercício continuado e metódico da sua inteligência.

Mas não se restringe à produção aludida, a contribuição bibliográfica de Zélia Camurça, já do conhecimento público. Destacamos ainda, no âmbito da problemática educacional — "Comunidade e Escola — o Ex-aluno na Perspectiva Social da Atualidade", "Escola e Comunidade — Recursos da Comunidade a Serviço da Educação", "Folclore e Educação", trabalhos extensos, verdadeiras monografias sòlidamente estruturadas.

Além disso, publicou alguns artigos em órgãos culturais, versando temas antropológicos, a saber: "Processos de Pescaria Existentes Entre os Indios Fulniô", os resultados de pesquisas efetuadas em Pacajus sob o patrocínio do Instituto de Antropologia da Universidade do Ceará e outros.

Fugindo ao alarde, à ostentação, assaz comuns aos intelectuais de nossa época, trabalhando quase inteiramente afastada dos grupos que fabricam as gloriolas do instante, a estudiosa patrícia vai, no entanto, conquistando posição respeitável nos ambientes sérios onde atua, de modo que já não são poucas as instituições culturais que atrairam para os seus quadros, onde só ingressam os que são reconhecidos como especialistas. Assim é que já pertence à "American Anthropological Association", à " The Society for Applied Anthropology", à "American Educational Research Association", entidades norte-americanas de renome internacional; é membro efetivo da "Associação Brasileira de Mulheres Universitárias", da "Comissão Cearense de Folclore", do IBECC, órgão nacional da Unesco; além de várias outras associações nacionais e estrangeiras.

Seu título mais importante é, sem dúvida, o de "**Master of Science in Education,** with a major in teacher of Social Studies", que conquistou em "The Graduate School of Education", da Universidade de Pennsylvânia, abrangendo áreas de especialização nos campos das Ciências Sociais e da educação.

Exerce, desde o seu regresso dos Estados Unidos, o professorado na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade do Ceará, com destacadas atribuições nos setores educativo e social.

* * *

Ocupamo-nos até aqui em discorrer sucintamente acêrca de qualidades morais e intelectuais que exornam a personalidade de Zélia Camurça e, sobremodo, a recomendam ao ingresso em nossa instituição.

Destacaremos agora outro aspecto significativo que deve ter influido em sua escolha para uma cadeira no Instituto. Trata-se da homenagem que prestamos nesta hora à mulher cearense, encarnada em sua pessoa, ao exalçar-lhe atributos incomuns, diversos daqueles que ordinàriamente merecem a consagração e a reverência populares. Homenageia-se neste ensejo à mulher cearense pelos seus valôres espirituais, trazendo Zélia Camurça ao plano das nobres figuras femininas que a antecederam nesta Casa — Júlia Vasconcelos e Alba Valdez. Da primeira bem pouco lagramos colher a respeito de sua atuação em nossos círculos intelectuais. Sabemos da ilustração com que exercia o magistério na Escola Normal e da segurança de alguns artigos especializados que divulgara, bem assim, de sua filiação à conhecida estirpe de intelectuais nordestinos.

Quanto a Alba Valdez, que já conhecemos em idade provecta, não podemos ocultar aqui a nossa afetuosa admiração por essa inteligente escritora, que fazia uso de estilo ameno e correto, e era sempre lúcida nos conceitos acêrca de problemas literários. Parecia-nos incorrutível moralmente, incapaz de falsear a verdade, de mentir à sua própria consciência, mesmo em face de situações dificeis e embaraçosas.

Sentimos, em verdade, a sua perda, e só agora surge-nos a oportunidade de externar em público os nossos verdadeiros sentimentos com relação a essa pranteada figura, nossa vizinha em sessões do Instituto e com quem estimávamos palestrar e trocar idéias!

Zélia Camurça é a nova representante feminina da inteligência cearense no Instituto do Ceará — a consagradora entidade cultural a que pertenceram grandes homens de nossa terra; a que deram o melhor das suas capacidades mentais expoentes como o Barão de Studart, Paulino Nogueira, Antônio Bezerra, Rodolfo Teófilo, Tomaz Pompeu, assim por diante.

Vem ela de ingressar nesta associação, de que todos nos orgulhamos, e que ora retoma a sua marcha grandiosa tendo a dirigí-la Carlos Studart Filho e Renato Braga — intelectuais à altura de lhe manter o ritmo tradicional.

A responsabilidade que a alcança torna-se, pois, evidente; mas, se há, entre os elementos da atual geração, em quem possamos confiar, para a realização de importantes tarefas no domínio da investigação cultural, essa individualidade será, decerto, a nova confrade, como especialista que se vem firmando, graças à dedicação obstinada ao estudo e ao ensino universitário. Problemas de relevante sig-

nificado que tocam diretamente à cultura regional e o seu aperfeiçoamento, acham-se à espera de quem, a seu exemplo, esteja preparado para atacá-los em seus pontos essenciais e origens autênticas, munido dos instrumentos apurados que hoje fornecem os métodos das ciências psico-sociais.

Os conceitos de **crises natural** e **cultural,** acêrca de que se estende luminosamente o pensador norte-americano David Bidney, adquirem forte expressividade, quando tentamos analisar graves temas de nossa vida social e os focamos do prisma cearense ou nordestino. "As crises naturais tendem a unir os homens como membros da mesma espécie, enquanto as diferenças culturais propendem a gerar crises e separá-los em grupos que se chocam, como se fôssem elementos de espécies diversas. O problema social básico de nosso tempo é, indubitàvelmente, como produzir um sentido de afinidade cultural humana que pode ser instrumental em precaver conflitos culturais, paralelamente ao sentido de parentesco natural em face das crises naturais."

Com relação ao nosso meio, já notórias são as crises naturais referidas a fenômenos climáticos, como as sêcas, que podem acarretar "estados de emergência a requerer medidas desesperadas".

Quanto às crises pròpriamente culturais, de acôrdo com o filósofo e antropólogo citado, "podem ser distinguidos dois tipos de crises — as **existenciais** ou de **sobrevivência** e as de **valor** ou **exiológicas.** As primeiras envolvem a preservação da existência social; as crises axiológicas dizem respeito às transmutações na forma ou sistema de valôres de uma dada cultura. Na crise de sobrevivência o problema é: ser ou não ser; na crise axiológica, o problema é como ser; que espécie de vida é digna de viver e preservar. Psicològicamente, uma crise cultural é experimentada como um estado de indecisão ou incerteza em face de duas ou mais alternativas significantes que podem afetar o destino do indivíduo. Objetivamente, uma crise cultural manifesta-se como um estado de emergência mantida pela suspensão do normal, ou condições tecnológicas sociais ou ideológicas, influindo prèviamente".

São êsses fatores que cabe ao estudioso perquirir, empregando em seu trabalho, além de qualidades essenciais à valorização científica, que concernem à objetividade, ausência de prejuízos e amor à verdade, um ardente almejo de construção espiritual, no sentido de servir ao melhoramento humano e da coletividade.

A investigação antropológica, efetuada conscientemente, embora não prescinda de alicerces epistemológicos, de basear-se em dados que vai recolher na própria filosofia da cultura, imprimiu ao estudo do conhecimento do homem e da vida, perspectivas menos abstratas, buscando na realidade objetiva, concreta, a fundamentação das suas elaborações teóricas, firmando as suas concepções da cultura, no resultado da cuidadosa pesquisa efetuada **sur place,** em

todos os níveis socioculturais com que se apresentam as comunidades, investigadas dos ângulos estrutural e funcional, segundo propõem modernas orientações científicas, a que já se estendem as técnicas de "formalização", procedimentos recebidos da Lógica Matemática. Fala-se hoje em "modelos etnográficos", anàlogamente ao registrado no campo da Lingüística e os computadores eletrônicos atuam eficientemente em "análises quantitativas" exercidas sôbre o material antropológico. De Malinowsky a Claude Lévi-Srauss caminhamos para um sentido nôvo dos problemas culturais, cujo conhecimento integral, no entanto, jamais se poderá desprender de uma visão "pancrônica" dos fenômenos sôbre que incide.

Aquela "ciência normativa da cultura", que recebeu certa vez a designação de Deontologia Cultural, orientada dentro de moderna conceituação dos valôres, articula-se em suas raizes com postulados filosóficos que se poderão vincular a interêsses cognoscitivos já surpreendidos em antigos mestres da Axiologia. Contudo, é no existencial, que vai procurar os germes aos quais se esforçará por distribuir em terreno por ela escolhido prèviamente; e na realidade cultural que irá surpreender as manifestações humanas a que deverá imprimir rumos positivos, em obediência a preceitos éticos, que, não obstante, podem dizer-se extraculturais.

Zélia Camurça acha-se a par do verdadeiro conteúdo destas breves considerações, graças às diretrizes que vêm seguindo os seus estudos antropológicos; deve ter penetrado com agudeza o sentido autêntico dos temas que vimos de aqui aflorar.

É chegado, pois, o momento de conclamá-la e àqueles que, como ela, volvem as atenções para as ciências humanas, a se aprofundarem teòricamente nesse roteiro doutrinário, e a enfrentarem, munidos dessa preparação, o estudo da cultura e do homem regionais, de modo sistemático e rigoroso, atendo-se, por certo, aos ensinamentos metodológicos, devidamente atualizados, sôbre a investigação em sua fase empírica, mas com o espírito guiado por essa concepção normativista, do progresso humano. São tarefas que exigem, sem dúvida, a dedicação de tôda uma vida, uma existência completa de devotamento ao trabalho científico, não raro, mal compreendido em ambientes ainda pouco estratificados culturalmente.

Muitas vêzes, a única recompensa veraz, o galardão autêntico que usufruem essas almas de escol, encontrar-se-á dentro de suas próprias vibrações interiores, nos anelos puros de criação que os absorvem, tornando-os pouco a pouco indiferentes ao atrativo das fáceis glorificações.

Nós, do Instituto, não podemos, destarte, ocultar a satisfação em receber a nova consócia, e a acolhemos nesta hora, cônscios de haver acertado na escolha, trazendo ao nosso convívio alguém que não desmerecerá as honrosas tradições desta Casa.

Tenho dito.